

# A PAISAGEM, A ILHA DO PICO E TUDO O MAIS

ÁLVARO DOMINGUES\*

**Resumo:** *A paisagem não é um dado da natureza, mas uma construção social, histórica e culturalmente situada, em permanente transformação, negociada. Mais ou menos instável e exposta a contradições, esta relação é tecida com os lugares, percepções, memórias e experiências. Contudo, a paisagem é colectiva, inscrita num contexto cultural e político, guiada por valores, códigos estéticos, representações sociais, grupos. A paisagem, por definição, caracteriza-se pela partilha da contemplação e da acção, mesmo que as formas de privatização ou as tentativas de exclusão sejam frequentes. A paisagem somos todos nós.*

**Palavras-chave:** *Paisagem; Património; Construção social; Ilha do Pico.*

**Abstract:** *The landscape is not a datum of nature but a social, historical, and culturally situated construction, in permanent transformation, negotiated. More or less unstable and exposed to contradictions, this is a relationship woven with places, perceptions, memories, and experiences. However, the landscape is collective, inscribed in a cultural and political context, guided by values, aesthetic codes, social representations, groups. The landscape, by definition, is characterized by the sharing of contemplation and action, even if forms of privatization or attempts at exclusion are frequent. The landscape is all of us.*

**Keywords:** *Landscape; Heritage; Social construction; Pico island.*



**Fig. 1.**  
Bar-restaurante da vila da Madalena, ilha do Pico  
Fonte: Álvaro Domingues, 2019

\* O autor não segue o Acordo Ortográfico de 1990.

Álvaro António Gomes Domingues, Professor Associado da Faculdade de Arquitectura — Universidade do Porto e Investigador no CEAU/FAUP dos Grupos de Investigação: Morfologia e Dinâmicas do Território; Património da Arquitectura da Cidade e do Território. Email: alvarodomingues2@gmail.com.

Deambulando pelas ruas da vila da Madalena, entra-se num bar-restaurante moderno e arejado, e o olhar fica preso na parede lateral onde, num fundo escuro, sobressai uma grande fotografia do Pico. O único cliente — que nem deu pela presença do fotógrafo — está de olhos pregados na TV, terminando a sua refeição. No primeiro plano da grande fotografia, uma vaca pachorrenta, deitada, vai ruminando o espectador; atrás, a montanha formidável coberta de neve até meio da encosta — «cobre-se todo este pico no inverno de pedra que chove, com que fica mais alto e todo alvo até muita parte do verão, em que o tempo quente a derrete»<sup>1</sup>. Eis a paisagem. Gaspar Frutuoso continua com a sua descrição minuciosa:

*No pico pequeno, que o pico grande tem sobre si em seu mais alto cume, está um lajedo muito grande, como uma casa, a qual é furada pelo meio, em cuja concavidade recolhe quantidade de água que encherá uma pipa, de que bebe a gente que no estio sobe acima, porque enquanto dura, e se derrete a neve, que nela está recolhida no inverno, sempre correm regos de água por ele abaixo; e na faldra deste pico está outra alagoa grande, pera a banda do leste, tão comprida como um tiro de espingarda, e da mesma largura, que se chama a alagoa de Rodrigalvres, e a redor dela estão muitas casas de pastores que guardam gado vacaril e de toda a sorte [...].*

*É toda a terra desta ilha mui áspera e muita parte dela coberta de biscouto, sem ribeira nenhuma que corra, somente três fontes mui pequenas, duas da parte do norte e uma da banda do sul, pela qual causa a gente não bebe senão água da chuva e das árvores, que, quando chove, apanham em cabaças, e também de outra salobra, que das covas, que na areia fazem ao longo do mar, tiram<sup>2</sup>.*

Assim escrevia Gaspar Frutuoso vai para quinhentos anos. Diferentemente da imagem fotográfica, a descrição paisagística vai compondo um entramado descritivo a partir de factos e de relações entre factos; sucedem-se ocorrências, medições, considerações, utilidades. Ao longo dessa narrativa sucedem-se os mais variados relatos sobre as coisas julgadas importantes e portadoras de sentido, mesmo aquelas de que não houve notícia antes da ilha ser descoberta e explorada — «no cimo deste pico está uma boca aberta, de grande concavidade, em que se não acha, nem sabe fundo, por onde arrebentou em tempo antigo, de que não há notícia, antes de a ilha ser achada»<sup>3</sup>.

Ao contrário do fixismo da representação visual do território, o tempo, o decorrer das estações do ano, joga um papel importante na fisionomia mutante da paisagem. Saberemos então que do degelo da neve que se foi acumulando nos altos do pico, se

<sup>1</sup> FRUTUOSO, 1998: VI, 132.

<sup>2</sup> FRUTUOSO, 1998: VI, 132-133.

<sup>3</sup> FRUTUOSO, 1998: VI, 131.

formam córregos que rapidamente se somem na terra, ou, ocasionalmente formam pequenas lagoas onde o gado *vacaril* vai beber.

A abundância dos pastos é um tema recorrente na descrição de Gaspar Frutuoso, apesar das repetidas vezes que fala da aspereza da terra, dos caminhos fragosos e tortos, das chapadas de lava imprestáveis e incultas, sem ribeira que corra excepto nas grandes chuvadas, sem nascentes — «somente três fontes mui pequenas» —, o que obriga as gentes a recolherem água das folhas das árvores ou mesmo de incisões em volta dos troncos:

*fazem riscos nos troncos das árvores, cortando-as à roda, como anéis inclinados de uma banda, onde lhe põem por bica uma folha de árvore e, pondo nela umas jarras, cabaças, ou tinas, se estão enchendo, enquanto chove de dia e de noite, e principalmente fazem isto nos louros, porque acham ser melhor e mais sadia água que outra nenhuma; e há muitos homens que edificam suas moradas, em que vivem, em parte onde há louros, antre os matos, por razão de ali se poderem aperceber de água pera beberem<sup>4</sup>.*

Toda a ilha parece uma imensa esponja sem qualquer capacidade de armazenar água no subsolo ou nas lagoas, por muito que ela caia durante o Inverno e em muitos outros dias do ano — «sem ribeira nenhuma que corra, somente três fontes mui pequenas, duas da parte do norte e uma da banda do sul, pela qual causa a gente não bebe senão água da chuva e das árvores, que, quando chove, apanham em cabaças, e também de outra salobra, que das covas, que na areia fazem ao longo do mar, tiram»<sup>5</sup>.

Longe da estética da representação e da contemplação em imagens, esta *paisagem falada* descreve a construção do território com todas as suas agruras — «Come esta gente muito pouco pão por o não dar a terra» —, escarpas fragosas e algumas amenidades, a sementeira dos lugares ao longo das terras baixas da beira-mar, as vilas, os povoados..., convocando diferentes personagens e temáticas: ora são as nuvens em volta do cume que vão mudando, pressagiando sinais de chegada de *tempos mareiros* ou céus limpos que os habitantes das outras ilhas também podem observar; ora é a descrição de uma enseada ou de um abrigo onde se podem carregar batéis ou naus pequenas; ora são listas de personagens e famílias e seus rendimentos e díizimos devidos a feitores e proprietários de outras ilhas; ora são os matos e as madeiras, o cedro, o teixo das terras altas — «onde se acham paus muito direitos, que parecem paus de pinho e quase servem pera mastros de caravelas pequenas» — o pau branco, a urze, o louro, a faia...; ora a descrição terrível de um fogo que arrebentou e formou

<sup>4</sup> FRUTUOSO, 1998: VI, 132.

<sup>5</sup> FRUTUOSO, 1998: VI, 133.

uma ribeira de polme ardente, enxofre, salitre; ora as pescarias e, claro, as vinhas: «Em toda a terra há muitas vinhas, que dão bom vinho, e melhor que em todas as ilhas» e proporcionam bons rendimentos a quem as tem e a quem consegue vender o vinho para as outras ilhas.

A partir da escrita atenta e detalhada de Gaspar Frutuoso, a paisagem apresenta-se não como um objecto reconhecível — a palavra nem sequer é referida —, mas como uma categoria que o leitor dos dias de hoje facilmente lhe associa e vai preenchendo, ora recorrendo a associações entre elementos e processos naturais — as escorrências das lavas, o recorte do litoral, a topografia, a chuva, os cobertos vegetais, a cor das pedras, etc. —, ora a episódios de registo da relação entre a organização social e a transformação do território condicionada pelas condições naturais. Daqui se pode claramente entender que a importância da paisagem se compreende melhor e é mais útil quando se percebem as razões e os modos de construção dos discursos e das imagens que sobre ela se produzem, do que buscando uma definição de paisagem sempre vaga e genérica.

Continua Gaspar Frutuoso: em todo o relato sobre esta ilha *mui áspera*, há alusões recorrentes do trabalho insano que a sobrevivência exige, das profundas desigualdades entre os senhores da terra, do gado e dos que trabalham e pagam dízimos — «Come esta gente muito pouco pão por o não dar a terra». Na vila das Lajes, onde vive gente nobre e rica, «há muitas vinhas, que vão em muito crescimento, e grandes criações de gado vacum e ovelhum, e algumas cabras, e terras, não muitas, de lavoura de trigo e outros legumes, e muita madeira, que ali se tira do mato». Apesar dessa fartura, logo a seguir se diz que «quase toda é terra fragosa de biscoito, pedraria viva, e não tem mais terra que a que se faz das folhas das árvores, a qual se gasta o primeiro ano que se cultiva, e daí fica em pedra viva se não cria mato que torne a criar terra, como faz com as folhas do mesmo mato, etc.». Na Criação Velha, «rasa com o mar», não se fala de cultivo de vinhas mas apenas de algumas lavouras e trabalho de «fragueiros que cortam muita madeira de toda a sorte, que vendem pera as outras ilhas»<sup>6</sup>.

É estranho, mas Gaspar Frutuoso nada nos diz acerca do modo de cultivo da vinha e do fabrico dos vinhos, embora refira várias vezes as quantidades... na vila de S. Roque «onde se carregam mais de setecentas pipas; em Santa Bárbara das Ribeiras que darão cada ano mil e duzentas pipas de bom vinho»; nas Lajes onde «as vinhas vão em muito bom crescimento». Tratando-se de uma técnica tão peculiar e tão ou mais esforçada do que outras com que descreve os expedientes para produzir solo artificial ou captar água das árvores ou dos poços de marés, a descrição dos muros e dos currais não aparece. Poderão ter existido outras técnicas distintas. Poderia o cronista estar mais preocupado com o cultivo dos cereais que era tão escasso. Con-

---

<sup>6</sup> FRUTUOSO, 1998: VI, 128.



**Fig. 2.**  
Miradouro na  
Candelária, ilha do Pico  
Fonte: Álvaro  
Domingues, 2019

tudo, também é verdade que a migração das áreas de vinha para os brejos dos lajidos mais ocidentais da ilha onde hoje se encontra — as extensões de lava onde qualquer cultivo pareceria impossível —, é mais recente<sup>7</sup>.

Outras coisas o impressionaram, como vimos; a montanha é avassaladora... «É tão grande altura deste pico, que dizem que de riba dele se vêem todas estas ilhas dos Açores...»

Emergindo da vastidão do mar-oceano, ainda maior é a presença mineral do Pico e nessa grandiosidade se focou o cronista. Outra pessoa, outro olhar, noutro tempo, podia compor a paisagem escrita ou falada de muitos e distintos modos. O discurso sobre a paisagem, tal como a sua representação visual, é altamente selectivo, dá a ver um panorama entre muitos possíveis, uma perspectiva oblíqua da realidade, filtrada por valores, temáticas e modos de ver que conferem à paisagem a sua extrema polissemia.

Como objecto de análise, a paisagem revela-se, por isso, como um *objecto de fronteira*: de contornos incertos, onde se cruzam e confrontam diferentes áreas disciplinares, diferentes saberes, múltiplas racionalidades, interesses diversos e muitas modalidades de produção de sentido.

Usada como dispositivo de mediação e de argumentação para apresentar e debater questões territoriais e sociais, a paisagem, pode revelar-se um instrumento poderoso, evoluindo por etapas sucessivas, designando actores e acções, modos de ver e interpretar, valorações, regulamentos, representações visuais e narrativas, modos de dar a ver e de implicar sujeitos sociais, grupos, instituições, indivíduos. Desse jogo onde se

<sup>7</sup> MACIEL, 2018: 99-111.

multiplica o cruzamento de informação, a validação, a discussão e a controvérsia... se irá destilando a matéria de que a paisagem é feita e que muitas vezes funciona como instância capaz de produzir uma sensibilização pública, por exemplo, em torno de questões de ordenamento do território. Por ser a paisagem um lugar onde se tornam visíveis e perceptíveis os efeitos produzidos sobre um determinado quadro de vida, a sensibilidade paisagista — individual ou social — pode funcionar como factor de mobilização envolvendo diversos actores, assuntos e polémicas. A paisagem torna-se assim um dispositivo político que permite reunir, discutir, deliberar e agir.

Para se confrontar a paisagem enquanto representação visual, com aqueles que vão produzindo a sua fisionomia, é necessária uma espécie de assembleia virtual que organiza e reconhece o debate, que toma decisões e que tem a capacidade de legitimar e regular. Podemos assim questionar:

*para lá da diversidade das leituras individuais, até que ponto os actores locais se estão a mobilizar para defender um relacionamento colectivo com a paisagem, ou mesmo para executar um projecto? Como é que esses actores se constroem como colectivos por meio dessa mobilização? Trata-se, portanto, de examinar aqui a performatividade de todos os tipos de discursos sobre a paisagem: como e em que medida é que se pode afirmar que o que é comum através da paisagem permite, ao mesmo tempo, ser construído como comunidade, formular um projecto e aceitar suas restrições? Podemos identificar nessas situações o desejo de gerir o cenário liderado por um colectivo ou por uma comunidade de utentes considerados ou autodeclarados legítimos, em nome de um interesse geral<sup>8</sup>?*

Se a resposta for afirmativa, essa pode ser uma paisagem como a Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, ao mesmo tempo caracterizada por determinados traços que lhe conferem uma forte identidade, por uma tessitura institucional que se revê nessa identidade, que nela participa e que, através da sua acção, mobiliza os principais construtores de paisagem: os produtores de vinhas. Para além desses, em torno da fileira do vinho e da vinha, existirão outros actores, instituições, relações de poder, processos de decisão, lógicas de gestão. Todos, com uma ligação mais ou menos directa à fileira económica do vinho, são partes envolvidas. O programa financeiro criado pelo Governo Regional dos Açores para reabilitação das vinhas localizadas nas áreas classificadas e nas zona-tampão<sup>9</sup>, exigindo o uso de métodos e técnicas de cultivo, e de castas de vinha tradicionais, constitui um desses exemplos que funciona como um poderoso mobilizador e regulador da produção de paisagem.

<sup>8</sup> SGARD *et al.*, 2018: 105-122. Tradução do autor.

<sup>9</sup> Decreto Regulamentar Regional n.º 12/2004/A, de 24 de Abril de 2004 (AÇORES. Presidência do Governo, 2004), alterado pelo Decreto Regulamentar Regional n.º 8/2006/A, de 9 de Fevereiro (AÇORES. Presidência do Governo, 2006).

A área de produção passou de cerca de 120 hectares em 2004, para cerca de 980 hectares no ano de 2019.

Além do programa de reabilitação das vinhas, podem-se elencar outros acontecimentos/iniciativas importantes na teia institucional produtora e legitimadora da identidade paisagística das vinhas do Pico:

- em 1961 a criação da Cooperativa Vitivinícola da Ilha do Pico;
- em 1996 a classificação do Governo Regional dos Açores da Paisagem Protegida de Interesse Regional da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, com uma área inicial de cerca de 3000 hectares;
- em 1999, após a reconstituição e recriação da casa dos frades carmelitas na vila da Madalena, inaugura-se o Museu do Vinho;
- em 2001, a candidatura a Património Mundial da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico pela Secretaria Regional do Ambiente;
- em 2004, a Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico foi reconhecida pela UNESCO como Património da Humanidade;
- a partir de 2004, os programas de financiamento aprovados pelo Governo Regional destinados à manutenção/recuperação vinha;
- em 2006, a aprovação do Plano de Ordenamento da Paisagem Protegida da Cultura da Vinha da Ilha do Pico;
- em 2010 é inaugurado o Centro de Interpretação da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, no Lajido de Santa Luzia;
- em 2018, é atribuído o Prémio Nacional da Paisagem pelo Ministério do Ambiente.



**Fig. 3.**  
Vinhas nas proximidades do aeroporto da ilha do Pico  
Fonte: Álvaro Domingues, 2019

Esta sequência de acontecimentos constitui uma grelha de produção de imagens, modelos, formas de regulação, acções, etc., que têm contribuído para uma grande homogeneidade de procedimentos e resultados caracterizadores da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico.

A narrativa e a iconografia da paisagem são bastante simples:

*uma faixa de território que abrange parcialmente as costas Norte e Sul, e a costa Oeste da ilha, tendo como referência emblemática dois sítios — o Lajido da Criação Velha e o Lajido de Santa Luzia, implantados em extensos campos de lava caracterizados por uma extrema riqueza e beleza natural e paisagística. Estes sítios foram classificados por constituírem excelentes representações da arquitetura tradicional ligada à cultura da vinha, do desenho da paisagem e dos elementos naturais. A diversidade faunística e florística aí presente, está associada a uma abundância de espécies e comunidades endémicas, raras e com estatuto de proteção.*

*Este bem consiste numa espantosa rede de longos muros de pedra, espaçados entre si, que correm paralelos à costa e penetram em direção ao interior da ilha. Estes muros foram erguidos para proteger do vento e da água do mar as videiras, que são plantadas em milhares de pequenos recintos retangulares (currais), colados uns aos outros. Remontando ao século XV, a presença da viticultura manifestou-se através desta extraordinária manta de retalhos de pequenos campos, de casas e quintas do início do século XIX, de ermida, portinhos e poços de maré. A paisagem modelada pelo homem, de uma beleza extraordinária, é o melhor testemunho que subsiste de uma atividade outrora muito ativa<sup>10</sup>.*

A construção de uma retórica e de um imaginário *paisagificado* de um território revela-se uma fonte muito interessante sobre os valores subentendidos nesses *regimes de visibilidade* da paisagem, aquilo que é destacado, as narrativas usadas para destacar um ou outro traço, uma identidade, ou até aquilo que se tolera ou não em termos de modos de acção sobre a preservação/transformação dessa paisagem/território. A circulação de imagens sobre a paisagem, os temas privilegiados, os pontos de vista, a luz, os elementos em destaque..., contêm, implícita ou explicitamente, informações preciosas sobre aquilo que realmente preenche o sentido do comum, do que é reconhecido e partilhado: como enunciado colectivo, domínio de interesse geral e mesmo formas de acção. Quando, a propósito de uma determinada paisagem, se denuncia esta ou aquela prática como exemplo do que está certo ou errado fazer-se, estamos perante modos de comunicação e de validação de códigos do «sentir colectivo» sobre aquilo que é considerado património, recurso comum traduzido nessas repre-

<sup>10</sup> *Paisagem da Vinha da Ilha do Pico*, [s.d.].

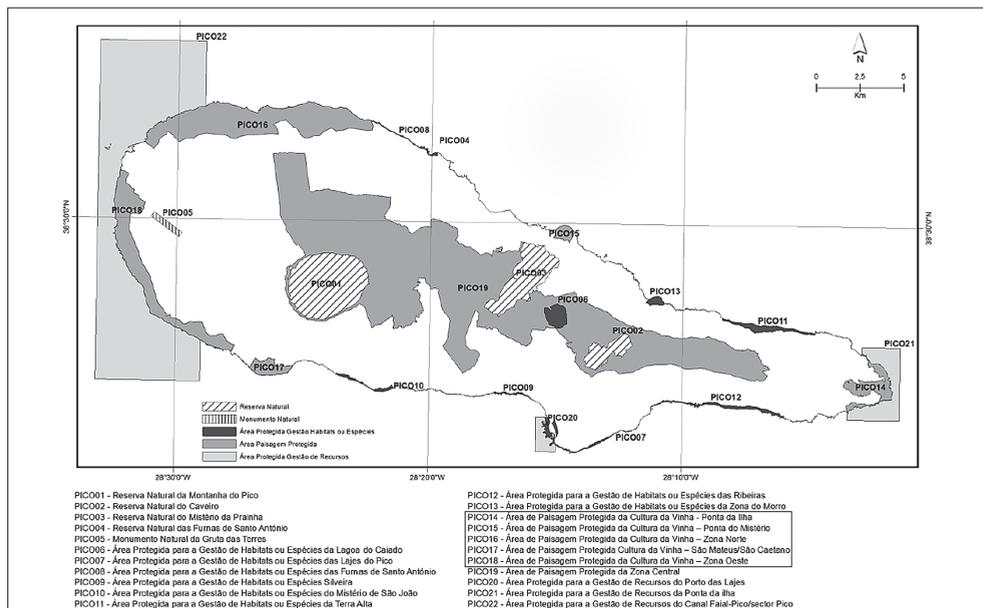
sentações, julgamentos ou actos. Quanta mais informação circular na esfera pública (o grau de intensidade de publicitação) e mais frequentes forem os confrontos (acordos ou controvérsias) entre actores sociais, melhor se conhecerão os campos sociais mais intensamente envolvidos na paisagem como matéria em discussão. Entre elites muito restritas, grupos locais fortemente vinculados a esses territórios, ou maiorias alargadas, por vezes, genéricas e massificadas, mais claramente perceberemos a geometria social em presença e aquilo de que se fala quando se fala de paisagem. Perante sentimentos de perda ou afirmações de identidade — um incêndio, o abandono de práticas e modos de fazer que quebram longas estabilidades, a intrusão de materiais e formas nunca vistos até então... —, o território que a paisagem representa (*a face* desse território) e veicula, revelar-se-á com um máximo de nitidez; os colectivos sociais em presença, também.



**Fig. 4.**  
 Drageira secular.  
 Museu do Vinho (vila  
 da Madalena), ilha do  
 Pico  
 Fonte: Álvaro  
 Domingues, 2019

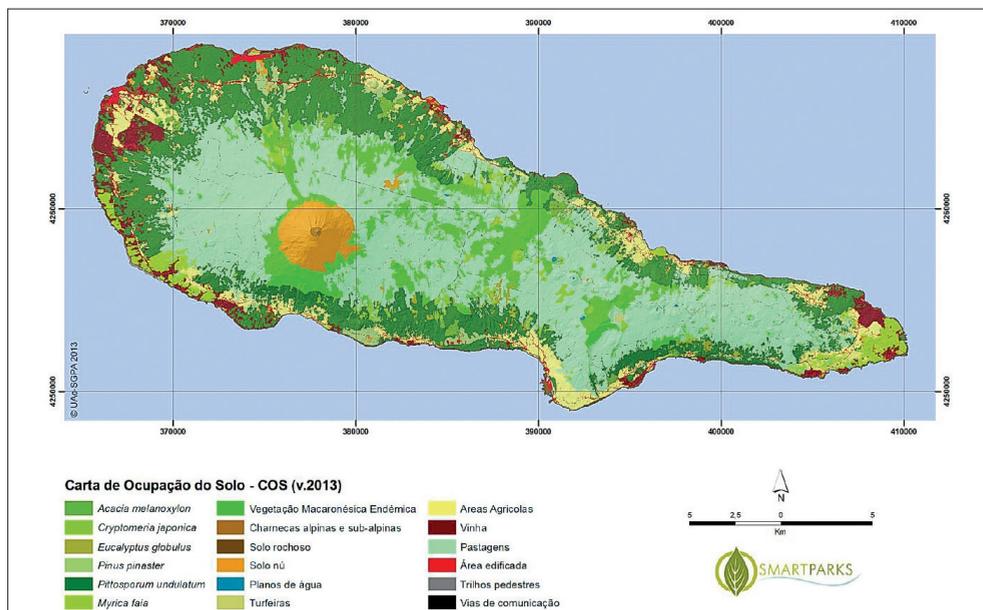
Há na ilha do Pico muita mais paisagem do que apenas a das vinhas, apesar desta ser considerada de maior valor patrimonial, identitário e também mercantil; a paisagem dos currais negros da vinha é emblemática, e a dureza que transmite, reforça o trabalho e o artifício que ali se cumpre continuamente. A paisagem da vinha é uma paisagem extraordinária. Existem depois as paisagens mais ou menos comuns, as que não foram destacadas, não possuem nome próprio ou regimes especiais de existência.

Atendendo apenas às classificações de zonamento contidas no Parque Natural da Ilha do Pico, podem-se enumerar: Reservas Naturais, Monumentos Naturais, Áreas Protegidas para Gestão de *Habitats* ou Espécies, Áreas de Paisagem Protegida, Áreas Protegidas de Gestão de Recursos, Reservas Florestais, Zonas de Protecção Especial; a esta lista somam-se ainda 18 Geossítios. Não sendo a legenda de um atlas de paisagens, esta extensa lista é suficientemente eloquente enquanto indicador da grande diversidade paisagística da ilha.



Mapa 1. Parque Natural da Ilha do Pico — áreas protegidas

Fonte: MOREIRA, 2013



Mapa 2. Carta de ocupação do solo (metodologia InVEST Biodiversity Model)

Fonte: MOREIRA, 2013: 15

Vale a pena ler um texto de promoção do Parque Natural da Ilha do Pico:

*Ao explorar o Parque Natural do Pico, poderão desfrutar de diversas experiências inesquecíveis, desde um mergulho nas águas límpidas do oceano, a um passeio de barco para observação de baleias e golfinhos, passando por uma caminhada nos trilhos de basalto em “lajidos” e “mistérios”, explorando os muitos quilómetros de grutas vulcânicas, ou subindo as encostas escarpadas em direção ao planalto central, polvilhado de vulcões, de lagoas, de vegetação natural e de pastagens, até atingirem o ponto mais alto de Portugal, a Montanha do Pico.*

*Mas a ilha do Pico não é só natureza, não é só paisagem, é também gente. Gente que soube aproveitar uma paisagem inóspita para da pedra fazer vinho e que se aventurou no mar à caça da Baleia, sempre em busca do seu sustento.*

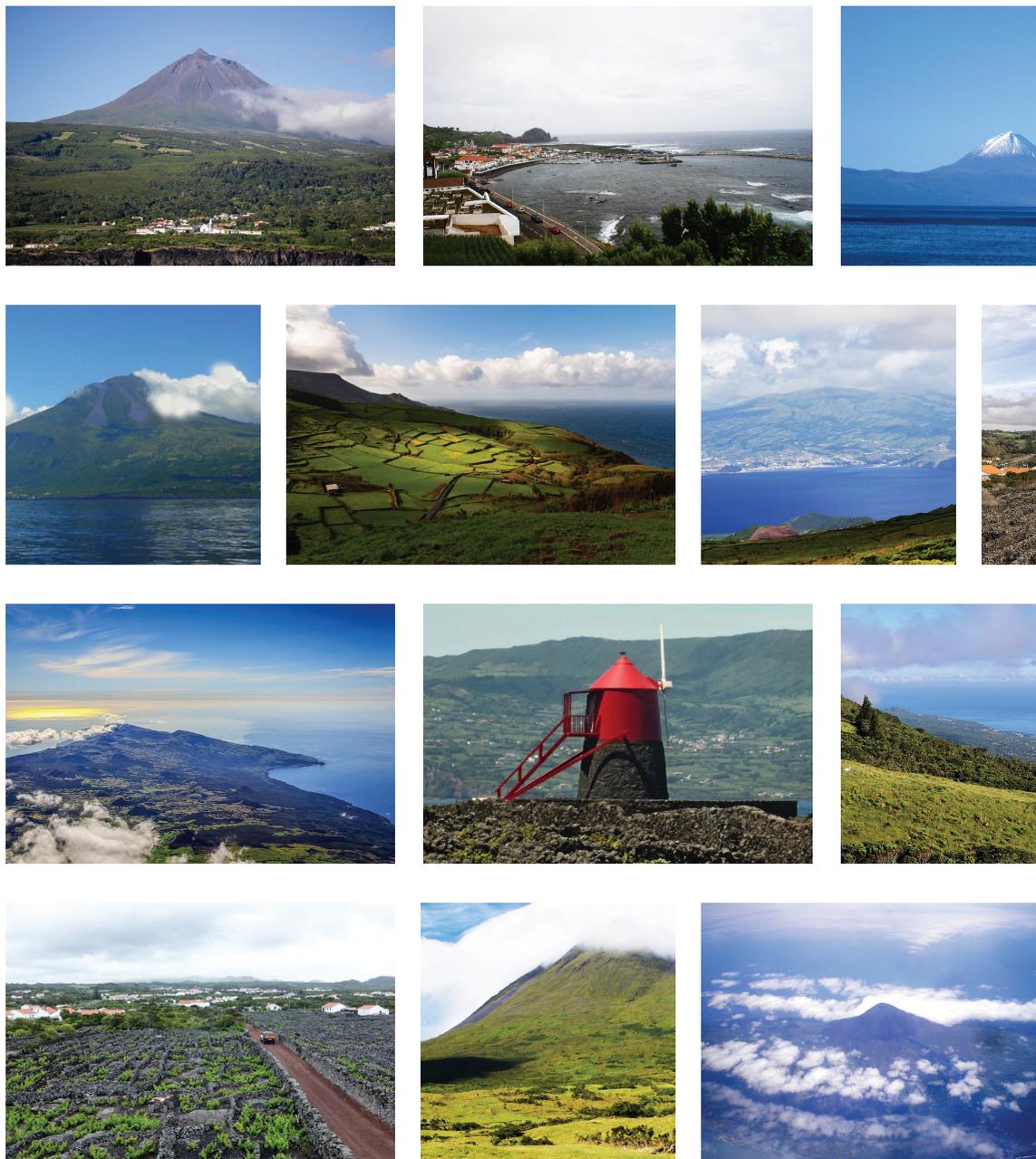
*Por tudo isto e por muito mais que a ilha tem para oferecer, quer seja através de um mergulho no oceano, de um passeio de barco, a pé ao longo de trilhos, de bicicleta, de carro, a ver o azul do mar, o verde da vegetação, o negro da rocha, o pôr-do-sol que nunca é igual, a ouvir o som dos cagarros, a sentir a aspereza e o calor das rochas ou simplesmente a relaxar, ouvindo o mar a bater nas rochas ou a escutar o silêncio, a provar um vinho verde um queijo do Pico ou um caldo de peixe, decerto que a ilha do Pico não o irá deixar indiferente.*



**Fig. 5.**  
Montanha do Pico —  
ilha do Pico  
Fonte: Álvaro Domin-  
gues, 2019

Não deriva desta descrição uma narrativa exclusivamente paisagística; aconselham-se experiências desportivas, sensoriais, passeios; existe claramente um estilo promocional orientado ao turista/visitante.

A paisagem é uma categoria conceptual a preencher, a inventar.



**Fig. 6.** Ilha do Pico — (Abril 2021)

Fonte: Wikimedia Commons, Pixabay e Unsplash (ver informação completa no final do artigo)



Pode-se afirmar que até muito recentemente — a paisagem é uma categoria patrimonial reconhecida em 1972 pela Convenção do Património Mundial; em 1992 pela UNESCO como Paisagens Culturais; a Convenção Europeia da Paisagem data de 2000 — a paisagem estava confinada a três regimes de visibilidade dominantes:

- no campo artístico, com uma larga tradição vinda sobretudo da pintura europeia do século XVII e desenvolvendo-se até hoje através de outras estéticas, outros suportes como a fotografia, o cinema e as artes digitais. Na literatura, agora sob a designação de geopoética, as narrativas paisagísticas existem desde a consagrada literatura de viagem do século XIX até hoje.
- esta *artialisação*<sup>11</sup> da paisagem produziu um gosto popular muito generalizado em reproduções de pintura ou fotografia em calendários, postais-ilustrados, publicações sobre viagens e turismo, etc. Com a digitalização e as telecomunicações, a banalização da fotografia expandiu enormemente o campo de produção e de circulação de imagens de paisagens e respectiva adjetivação;
- no campo científico, existe uma larga tradição de estudos de paisagem na Geografia e na Arquitectura Paisagista. Mais recentemente, como é exemplo o próprio Pico, a paisagem entrou como categoria no próprio ordenamento do território, normalmente através de uma via patrimonialista, privilegiando medidas de salvaguarda e protecção. As questões ambientais e os desígnios da denominada protecção da natureza, trouxeram também um renovado interesse sobre a paisagem.

Hoje, a tendência para a *paisagificação* não tem limites<sup>12</sup>. Provavelmente porque vivemos numa sociedade intensamente consumidora de imagens, a diversidade da representação da paisagem e das narrativas associadas, não conhece limites. Existem paisagens em tudo e para tudo.

Extraordinárias ou banais, as paisagens exprimem o modo como uma sociedade produz e, continuamente, transforma o território. É por esta razão que a paisagem enquanto dispositivo de partilha e discussão sobre territórios/sociedades se revela de uma extrema utilidade para se perceber de que se fala realmente quando se fala de paisagem, quem usa a palavra, que argumentos defende, que estratégias de legitimação suportam a autoridade de quem fala e do que fala, enfim, quais são e o que revelam as polémicas políticas sobre a paisagem, os lugares comuns dos colectivos que se envolvem nessas polémicas.

---

<sup>11</sup> Cf. ROGER, 1997.

<sup>12</sup> CAUQUELIN, 1989.

Em sociedades relativamente simples e estáveis como aquelas que estudou Jorge Dias em Vilarinho da Furna<sup>13</sup>, os traços dominantes da cultura comunitária designariam relações muito claras no que toca às coisas e aos valores comuns, quer fosse a natureza dos bens em questão, dos valores, dos seus significados, modos de apropriação e de gestão, e respectivas espacialidades.

O património colectivo – material ou imaterial — sobrepunha-se ao individual na medida em que a colectividade (e o regime comunitário que a regulava) era a sociedade/território onde cada um inscrevia a sua individualidade, a sua margem de individuação face ao grupo e às regras do grupo.

A propósito das culturas camponesas, é um ponto consensual o facto de não existir aí um *olhar paisagista* no sentido comum da expressão. Quando interpelado sobre as qualidades estéticas da paisagem, o camponês responde através de um registo muito utilitário: uns belos campos são aqueles que estão bem trabalhados, cuidados, produzindo colheitas abundantes; feio é tudo que é inculto, infértil, mal trabalhado. O *ethos* dominante deriva da centralidade da produção, do trabalho, do produto que a terra dá para que se tenha sustento.

Desde logo, o grupo social, a comunidade, e o seu território estavam perfeitamente definidos e as suas cartografias reais ou imaginadas, também. Sabia-se quem pertencia ou não ao grupo — nós e os outros — e eram claros os tipos de vínculos, os direitos e os deveres. Na vida de todos os dias, nos momentos extraordinários, na festa, no casamento, nas partilhas, na morte, neste mundo e no outro, havia códigos de ética e de moral que clarificavam ao máximo o lugar de cada um no todo. A sociedade dos indivíduos estava cercada pelos imperativos do comum, da vida em comunidade e dos seus apurados mecanismos de funcionamento e de regulação.

As coisas comuns — os lameiros, os baldios, as águas, a vezeira, o boi do povo, os abrigos na serra, o forno comunitário, a igreja, as alminhas, os caminhos, os largos, etc. —, inscreviam-se em espacialidades bastante claras, modos de usar, recortes claros entre os interesses privados e o interesse público, comum. Das macroespacialidades como o baldio onde se apascentavam gados e se recolhia lenha, às micro espacialidades como o largo da igreja; da definição clara de áreas e recintos como os lameiros, às redes e sistemas como os poços e nascentes, açudes, regos, poços onde se explorava, conduzia, armazenava e distribuía a água de rega ou de lima..., mas também os rituais da morte e da vida, as celebrações, a ética, a estética e a moral, os usos e costumes, constituíam um «todo» quase blindado. Nestes pequenos mundos do comunitarismo agro-pastoril, o património estava implícito. Antes do indivíduo nascer, já existia — estável e organizado — o mundo que o ia receber, a sua relativa

---

<sup>13</sup> DIAS, 1948.

homogeneidade e auto-suficiência. Tudo estava claramente intuído, todos sabiam o que esperar de cada um.

Por outras palavras, as várias declinações do património comum — a designação das coisas, o seu significado prático ou simbólico, as suas funções e utilidades, a tomada de decisão, as pessoas envolvidas, a partilha das responsabilidades, dos direitos e dos deveres, e as práticas de gestão, apropriação, manutenção —, deixavam margem reduzida para que o aleatório e o vago se instalassem. Em caso de conflito havia instâncias — conselhos ou indivíduos — e práticas de mediação tidas como legítimas e eficazes nas suas decisões.

Numa tal situação, o território — e as territorialidades —, também não punham dúvidas de maior. O *quadro natural* (ou geográfico), tal como escrevia Jorge Dias, era um quase determinismo para a organização social, para os modos de vida, o *habitat*. Recorde-se que o conceito de *habitat* provém das ciências naturais, correspondendo em matéria de ecologia ao lugar onde se reúnem certas condições (bióticas e abióticas) apropriadas à vida (sobrevivência e reprodução) de um organismo, espécie ou comunidade animal ou vegetal (ou para associações), definindo assim o conjunto de recursos e de condicionalismos necessários para a ocupação de um determinado espaço durante um certo tempo.

Se os de Vilarinho da Furna fossem questionados sobre o que poderia ser uma representação de paisagem de Vilarinho, mesmo que a referência à palavra paisagem nunca aparecesse — como nas descrições de Gaspar Frutuoso sobre as ilhas —, com certeza que as concordâncias seriam muitas e convergiriam sobre os vários territórios da produção — dos baldios no monte, aos lameiros e aos campos próximos da aldeia. Uma sociedade de base económica agrícola e pastoril falaria da paisagem por si produzida, pelas suas actividades principais e modos de fazer.

Tudo estava devidamente demarcado, nomeado, sujeito a interpretações, normas e regras. A rudeza da vida dependente do que a terra dava, da chuva no seu tempo, do calor, das estações, das maleitas dos animais, tudo concorria para uma interdependência muito forte, um quase determinismo entre as condições do meio natural e os modos de vida. Da mesma pedra que abundava na serra se faziam as casas e as cortes dos animais, os muros, o bebedouro das galinhas, a igreja ou a pia baptismal. Os lameiros ou os pastos altos das brandas na serra, consoante fosse Inverno ou Verão, marcavam os trabalhos e os dias tal como o ciclo de vida dos cereais ou dos animais.

O isolamento a que estes locais estavam votados e o ambiente por vezes inóspito destas terras frias, marcavam indelevelmente a economia e as relações sociais, a organização do espaço e do imaginário. O próprio comunitarismo podia ser visto como uma estratégia de sobrevivência, um modo de afrontar condições adversas. Por sobre qualquer impulso de mudança, a tradição, os antepassados, as rotinas, eram mais importantes

do que as rupturas, as mudanças. Sociedade e territórios rurais compunham uma paisagem, uma configuração visual reveladora de um equilíbrio longamente estabilizado entre as práticas culturais e os constrangimentos biofísicos.

O trabalho e a festa, as famílias e os animais, o natural e o sobrenatural partilhavam estes espaços, inscreviam-se social e territorialmente, tornando estes dois registos inseparáveis: o que define o lameiro como património comum é ao mesmo tempo descrito dentro de um âmbito territorial e de um sistema de normas e acções.

Vilarinho da Furna está debaixo de água desde que foi concluída a barragem homónima em 1972. É uma paisagem submersa, espécie de jazida arqueológica de um certo Portugal rural pré-moderno.

Não é, não foi assim na ilha do Pico. Apesar do seu carácter relativamente periférico, as mudanças sociais, a exposição a dinâmicas globais e o processo de modernização foram seguindo o seu caminho, ora produzindo mudanças lentas, ora súbitas disrupções que no território diverso da ilha foram introduzindo marcas diversas. O aumento rápido da paisagem da vinha ilustra um desses processos: o valor económico, o empenho político, os tempos que correm favoráveis à estetização da vinha e do vinho, o próprio carácter excepcional da construção da paisagem, tudo contribui para a visibilidade acrescida do fenómeno e da sua ampla partilha por actores sociais diversos.

Contudo, nas sociedades complexas e instáveis de hoje, será muito difícil encontrar consensos generalizados sobre o que seja a paisagem ou que préstimo possa ter. Perdido o consenso social existente nos grupos comunitários de outrora como é o caso de Vilarinho da Furna, a sociedade pulveriza-se em grupos, pertenças, vínculos de geometria variável, repartindo modos distintos de ver o mundo e de ver as paisagens. Haverá acordos sobre registos muito comuns que de tão intensamente vistos e



**Fig. 7.**  
Pastagens em  
Santa Luzia  
Fonte: Álvaro  
Domingues, 2019

partilhados por todos, mas de uma forma bastante epidérmica, se transformarão em genéricos. As vinhas também tocam esse registo aligeirado, mesmo que, ao mesmo tempo, existam numa relação sociedade/território muito coesa e firme.

Porque construído pelos sentidos e pelas palavras comuns, a paisagem está ao alcance de todos e pode ser partilhada no quotidiano da vida prática ou no imaginário de cada um, e pode constituir um dispositivo relevante acerca do modo como organizamos vida em conjunto, territórios que são casa comum.

É vulgar pensar-se que a paisagem é considerada sobretudo como uma ferramenta de observação, de leitura mais ou menos aprofundada e, raramente, como uma ferramenta de pensamento direccionada à acção, questionando os actores e o seu vínculo com o território, ou ainda como objecto de debate ou controvérsia cuja análise permite uma incursão importante na compreensão dos territórios.

Longe da beira-mar e das vinhas, nas pastagens altas da ilha do Pico não houve ainda razões para *paisagificar* com a mesma intensidade com que se tem feito para o caso do vinho. Podia-se dizer quase literalmente que as vacas comem e ruminam as matérias da paisagem, animam-na, fazem parte dos colectivos humanos e não humanos produtores dessa paisagem.

Paisagem somos todos nós.

## BIBLIOGRAFIA

- AÇORES. Presidência do Governo (2004). *Decreto Regulamentar Regional n.º 12/2004/A*. «Diário da República Série I-B». 97 (2004-04-24) 2556-2558.
- AÇORES. Presidência do Governo (2006). *Decreto Regulamentar Regional n.º 8/2006/A*. «Diário da República Série I-B». 29 (2006-02-09) 1052-1054.
- CAUQUELIN, Anne (1989). *L'invention du paysage*. Paris: PUF.
- DIAS, Jorge (1948). *Vilarinho da Furna: Uma Aldeia Comunitária*. Porto: Instituto para a Alta Cultura; Centro de Estudos de Etnologia.
- FRUTUOSO, Gaspar, (1998). *Saudades da Terra*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, livro VI.
- MACIEL, Maria (2018). *Paisagem da vinha do Pico – antes e depois da filoxera. Perspetiva económica e social*. In LAGE, Otilia, coord. *Alto Douro e Pico, Paisagens Culturais Vinhateiras Património Mundial em perspectiva Multifocal*. Porto: CITCEM, pp. 99-111.
- MOREIRA, Miguel; GIL, Artur (2013). *Valoração da biodiversidade no Parque Natural da Ilha do Pico através da metodologia InVEST, Technical report developed under the SMARTPARKS Project*. Lisboa: Universidade de Lisboa; FCT. DOI: <https://www.researchgate.net/publication/314197267>.
- PAISAGEM DA VINHA DA ILHA DO PICO [s.d.]. In COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO; PORTUGAL. Ministério dos Negócios Estrangeiros. *Comissão Nacional da UNESCO*. [Consult. 11 Dez. 2020]. Disponível em <<https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/paisagem-vinha-da-ilha-do-pico>>.
- PARQUE NATURAL DO PICO. In *Parques Naturais dos Açores*. [Consult. 11 Dez. 2020] Disponível em <<http://parquesnaturais.azores.gov.pt/pt/pico/noticias/locais/1047-parque-natural-do-pico>>.
- ROGER, Alain (1997). *Court traité du paysage*. Paris: Gallimard.
- SGARD, Anne et al. (2018). *Construire en commun par le paysage. Trois controverses paysagères relues à l'aune du bien commun*. «Espaces et sociétés». 4:175, 105-122.

Veja-se abaixo a informação detalhada sobre as fontes das imagens que compõe a figura 6 do presente artigo.

1. Foto de Maria e Fernando Cabral por Pixabay.
- 2, 3, 6, 8, 18, 20. Fotos de José Luís Ávila Silveira/Pedro Noronha e Costa. Obra do próprio, Domínio público, por Wikimedia Commons.
- 4, 22. Fotos de Carlos Luís M. C. da Cruz. Obra do próprio, Domínio público, por Wikimedia Commons.
5. Foto de Navin75 por Wikimedia Commons, CC-BY-SA-2.0. Disponível em <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Landscape\\_of\\_the\\_Pico\\_Island\\_Vineyard\\_Culture\\_\(50639801592\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Landscape_of_the_Pico_Island_Vineyard_Culture_(50639801592).jpg)>.
7. Foto de Kévin e Laurianne Langlaison por Unsplash.
9. Foto de Matheus Hobold Governigo por Wikimedia Commons, CC-BY-SA-4.0. Disponível em <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paisagem\\_da\\_Cultura\\_da\\_Vinha\\_da\\_Ilha\\_do\\_Pico\\_-\\_Ilha\\_do\\_Pico,\\_Portugal.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Paisagem_da_Cultura_da_Vinha_da_Ilha_do_Pico_-_Ilha_do_Pico,_Portugal.jpg)>.
10. Foto de Wo st 01 por Wikimedia Commons, CC BY-SA 3.0 DE. Disponível em <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=14784471>>.
11. Foto de Walter Frehner por Pixabay.
12. Foto de Samuel Monteiro Domingues por Wikimedia Commons, CC-BY-SA-4.0. Disponível em <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ilha\\_do\\_Pico\\_-\\_Açores.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ilha_do_Pico_-_Açores.jpg)>.
13. Imagem de Vianney Dugrain por Pixabay.
14. Foto de Navin75 por Wikimedia Commons, CC-BY-SA-2.0. Disponível em <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pico\\_Island\\_\(50683154983\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pico_Island_(50683154983).jpg)>.
15. Foto de Navin75 por Wikimedia Commons, CC-BY-SA-2.0. Disponível em <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pico\\_Island\\_\(50686907818\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pico_Island_(50686907818).jpg)>.
17. Foto de Werner Paris por Wikimedia Commons, CC-BY-SA-4.0. Disponível em <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pico\\_Island\\_Vineyard\\_5.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pico_Island_Vineyard_5.jpg)>.
19. Foto de Froth82 por Wikimedia Commons, CC-BY-SA-3.0,2.5,2.0,1.0. Disponível em <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pico\\_Island.JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pico_Island.JPG)>.
21. Foto de Eduardo Manchon por Wikimedia Commons, CC-BY-SA-3.0. Disponível em <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Arcos,\\_Pico\\_island\\_-\\_panoramio.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Arcos,_Pico_island_-_panoramio.jpg)>.

